

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.134

Terça-feira, 1 de Agosto de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhah-Lisboa; Telefones 533-0

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Desde as 13 horas de ontem que os hospitais civis e a Morgue estão privados de água, o que representa um caso gravíssimo, segundo opinião dos clínicos hospitalares.

E' assim que se manifesta a previdência municipal e governamental, com gáudio, certamente, da Companhia, que assim melhor poderá justificar novos aumentos de preço da água.

CONTRA O "FASCISMO"

O "Bureau" Internacional dos Sindicalistas Revolucionários Ao proletariado consciente

A luta entre o «fascismo» e os partidos sociais chegou, na Itália, a uma acuidade vivíssima. As violências dos «fascistas» não cessam de produzir-se, e os governos que dos «fascistas» se utilizaram, embora indirectamente, contra as facções sociais revolucionárias pouco depois da tentativa de expropriação das fábricas, são agora, por sua vez, vítimas dos mesmos. O «fascismo», constituindo um organismo nacionalista reacçãoário, impõe-se agora aos próprios governos, posto que estes são bastante subservientes em face daquela instituição do terror.

Essa atitude deveria necessariamente produzir a contra-reacção por parte dos partidos considerados avançados com assento no parlamento, os quais, votando uma moção de desconfiança ao governo de Facta, deram com o mesmo em terra por não possuírem a energia necessária para enfrentar aquele organismo de bandidos, que conta no seu seio vários agalados do exército.

E agora, segundo o que há dias informava o correspondente do *Seculo* da noite, poucos políticos

ou mesmo nenhum se encontra com vontade de assumir o poder, por não se sentir com força para reduzir à impotência o «fascismo» assassino e incendiário.

Esta situação é terrível para as forças avançadas do proletariado revolucionário de Itália, sobre quem são exercidas violências máximas pelo «fascismo», sempre protegido pelos poderes do Estado.

E' uma luta desigual por parte dos revolucionários sociais que não dispõem de bastantes meios de defesa contra as hordas agressoras que, em toda a parte e por todas as formas, os atacam.

O *bureau* internacional dos sindicalistas revolucionários, nascido na conferência ultimamente efectuada em Berlim, acaba de enviar a C. G. T. portuguesa o seguinte apelo contra o «fascismo» na Itália, para o qual chamamos a atenção dos organismos operários do país para que o protesto do proletariado português se faça sentir, como é do seu dever, o mais breve que ser possa, prestando-se a solidariedade devida aos valentes revolucionários italianos.

APELO

Camaradas:—Um dos primeiros deveres do *bureau* internacional é de fazer um apelo à solidariedade do proletariado mundial com o proletariado italiano, na sua luta contra a reacção na Itália e para a defesa da organização sindicalista revolucionária deste país, representada pela União Sindicalista Italiana.

Os camaradas italianos lutam há dois anos contra os ataques ferozes dos «fascistas»—esta guarda branca italiana, aliada ao governo italiano e protegida por ele. Os delegados italianos deram-nos, na Conferência de Berlim, detalhes terríveis sobre a situação trágica em que se encontra a classe operária. Queiram-se as casas do povo as Bólas de Trabalho, as Imprensas... vai-se até ao ponto de destruir as casas particulares dos militantes em suas cidades e nos campos todos os que são mais conhecidos como inimigos da classe burguesa, sem se poupar as suas mulheres, os seus filhos e os seus amigos. Tudo isto é feito impunemente com a aprovação tácita dos dirigentes. Mais do que isso, o governo reprime e pune muito severamente os camaradas que se defendem; os que não são assassinados pelos fascistas são adossados e maltratados pela polícia e presos por longos anos, que sofrem actualmente nas galés italianas contem-se aos milhares! Além disso a crise económica, a falta de trabalho, etc., empobrecem ainda mais a classe operária. Nesta luta encarnizada as camaradas da União Sindicalista são os mais expostos aos golpes do inimigo, pois que têm sido eles os que mais arduamente se têm empenhado na luta contra os exploradores. E preciso pois socorrê-los e ajudá-los imediatamente. Os camaradas da União Sindical que lutam energeticamente pelo triunfo do sindicalismo revolucionário na Itália, e contra todo o desvio, enviaram antecipadamente os seus agradecimentos, assim como os do proletariado italiano.

A Central revolucionária de cada país examinará o melhor modo de levar um auxílio imediato à U. S. I. Os sindicalistas, e em geral, todos os camaradas devem considerar um dever contribuir para esta obra de solidariedade internacional. A obra, pois, camaradas, e que o nosso apelo encontre um eco entusiasta em cada um de vós. As organizações locais enviem todas as suas subscrições às suas Centrais nacionais. Estas últimas enviarão o diário à União Sindical Italiana, 8, via Achille Mauri, Milão.

O *bureau* internacional dos sindicalistas revolucionários, membros: A. Souhy (Alemanha), A. Jensen (Suécia), A. Pestana (Espanha), A. Borghi (Itália), Hansen (Noruega), A. Schapiro (Rússia).
Pede-se para reproduzir este apelo na imprensa revolucionária do país.

E a vida sobe...

Aumentou o preço do pão e foi criado o regime dos dois tipos

Informam da Arcada
«Ao contrário do que se tem dito, ainda não é hoje que entra em vigor o novo regime dos dois tipos de pão, um de primeira qualidade para 150, o segundo de segunda para 180. Foi dado o prazo de três dias para as fábricas de moagem e padarias esgotarem os seus stocks de farinhas do actual diagrama, de maneira que na próxima sexta-feira será o primeiro dia em que haverá pão daqueles tipos.

As fábricas de moagem já estão fazendo o trigo pelos novos diagramas. Temos consumido mais um acto de hostilidade do governo contra as classes trabalhadoras.

As moagens vão roubar os consumidores e impingir-lhe um pão que ela falsificaria inevitavelmente.

Este decreto vem agravar mais ainda a bolsa dos que trabalham. Sobre os lares foi lançado mais um acréscimo de miséria. O pão, alimento principal do povo, vai cada vez mais tornando-se inacessível ao estômago e à saúde de quem trabalha.

A experiência já tem várias vezes demonstrado que os dois tipos de pão se prestam a enormes mistificações, a espantosos roubos, a falsificações torpíssimas.

O governo sabe o que faz, sabe que vai dar à moagem ensino a exercer em grande escala as costumes falsatruas. Apesar disso não hesitou em criar um decreto que aumentou o preço do pão e criou o regime dos dois tipos. Esse regime vai levantar enormes protestos.

A audácia na maneira de roubar os consumidores atingiu o cúmulo!

Essa audácia é reconhecida pelo governo, que vergonhosamente desceu até tornar-se cúmplice dos moageiros.

Os consumidores devem preparar-se para se defender do assalto dos moageiros, consentido e decretado pelo governo.

Trabalhadores: Lede e propagai a BATALHA.

A situação de A BATALHA

Comissão Pró-A BATALHA
Reuniu esta comissão e resolveu avisar os camaradas que tenham bilhetes em seu poder para que venham hoje liquidar sem falta, caso contrário serão considerados vendidos.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda apenas na Administração de A BATALHA.

Em Almada, devido aos muitos pedidos, encontram-se nessa localidade em casa do camarada Tomás Negócio.

Rúne hoje às 20 horas a sub-comissão pró-A BATALHA do Sindicato União da Construção Civil — (Secção de Pão e ardores).

EM BEJA

BEJA, 27. — A convite de uma comissão reuniram hoje em sessão magna todos aqueles que simpatizam com o nosso órgão na imprensa.

Aberta a sessão, pelas 10 horas, foi convidado para presidir A. Pires que explica qual o fim da obra que foram convidados e da palavra a Justino Aníbal, um capataz de vida atrás que A BATALHA tem passado e as circunstâncias em que se encontra terminando por apelar a todos para que façam a maior propaganda da BATALHA.

Alberto, Rui, Lucas e as várias campanhas letradas e do jornal e que se ele não fosse o poderíamos saber hoje com certeza. A todos os pretos no império. A. Horton de Matos e todos os membros da Confederação Patronal. Justino Aníbal avizita que os sindicatos operários nomeie delegados para constituírem a sub-comissão Pró-A BATALHA.

José A. Góis discorda pelo motivo de haver camaradas que em prol de A BATALHA queiram trabalhar, o não poderiam fazer pelo motivo de não ter sindicatos da sua indústria, não podendo por isso pertencer a sub-comissão. Diz que esta sub-comissão deve ser constituída por todos os que queiram, mas muito individualmente, terminando por apresentar uma moção com as seguintes conclusões, que foi aprovada por unanimidade:

A constituição em Beja de uma grande sub-comissão composta por todos os indivíduos que pela BATALHA tenham simpatia.

CARTAS DA COVILHÃ

Uma ilusão fugitiva

Vinte e quatro famílias vivendo há dois anos num compartimento sem luz, na terra da luz; sem ar, junto duma montanha plena de ar puro; sem alegria, onde o sol é alegre e fulgurante —

A harmonia da natureza e a desarmonia dos homens

COVILHÃ, 1.—A cidade da Covilhã é uma cidade de trabalho. Isto não quer dizer que não tivesse encontrado aqui muita gente que nada faz. Numa cidade, onde se trabalha—vem nos livros— a miséria desenvolve-se e é principalmente entre os trabalhadores que ela campeia, sem dó, sem piedade, distribuindo, arruinando, desmoralizando. Causa revolta que, perante a perfeição da natureza, aqui deslumbrante, a sociedade seja tão imperfeita, tão defeituosa, e que os homens não aprendam a ser melhores, mais justos, mais humanos.

Eu já perdi, há muito, a esperança de encontrar um canto da Terra, onde a injustiça não tenha praça assente, onde a prostituição não corra os corpos e rebaxe os espíritos.

Quando, há poucos dias, manhã cedo, a paisagem encantadora a embriagar-me os sentidos, encontrei lá em baixo o acolhimento gentil de alguns camaradas, eu tive, por momentos, uma ilusão linda, uma ilusão fugitiva que tam pouco tempo durou! E como eu lamento que essa ilusão se desizesse, em fumo, em nada, como um insensato perturbante que me desse a embriaguez momentânea do seu perfume e logo se sumisse, seclere no azul límpido desta atmosfera diáfana. Eu vinha iludido, com tanta beleza. Desde Alpedrinha—paraíso misterioso, rodeado de pinheiros viçosos que enviavam até à janela do comboio, donde me debruçava, o odor sadio dos seus ramos—que o sol nascido há pouco, entrou de bateira com a sua luz rosada os campos largos que velozmente atravessava. E perante a planície vasta que me rodeava onde os coloridos mais finos, mais suaves, se harmonizavam no desequilíbrio das suas manchas, eu tive a ilusão, a suave ilusão de caminhar para um mundo novo, onde os homens, como essas manchas coloridas da paisagem todos diferentes, todos diversos todos livres de tomar os juízos que quizessem, de pensar como entendessem, formassem um conjunto igualmente harmonioso.

Ansel, então, por chegar à Covilhã, sempre iludido, ingenuamente iludido. Queria respirar um ambiente social mais puro, tam puro como a atmosfera fresca que me beija a pele matutinalmente. E afinal, afinal contaram-me a primeira história, pelocaminhoingremente, que nos leva ao ninho de águas onde a Covilhã repousa. Teve essa história triste o seu epílogo há dois anos. Principiou por um incêndio, por um fogo devorador, um

fogo injusto—ah, ele não saberia que praticava um crime!—que devorou algumas habitações onde moravam pobres. Ficou célebre para os covilhanenses esse incêndio cruel, como o ficou para o mundo o incêndio de Roma. Numerosas famílias ficaram sem uma cama para vestir, sem um banco para sentar-se, sem uma casa onde abrigar-se. Mas essas desgraças não passaram dum incidente simples se houvesse da parte da Câmara e dos ricos, um pouco de humanidade. Bastaria um pouco de esforço—e rapidamente se obteria local conveniente onde alojar os infelizes. Mas não. Durante dois anos ainda não houve tempo para construir algumas casas, ligeiras que fossem, baratas, mas higiénicas, onde essa pobre gente pudesse viver.

Mandaram-nos para umas dependências do Albergue dos Inválidos do Trabalho, para as piores dependências, sem confortos, sem luz, sem ar, sem alegria do sol a reanimar o espírito, sem a pureza do ar a reanimar os corpos cansados pelo trabalho extenuante. Numa dessas dependências, que eu visitei, que eu vi bem, vivem quatro famílias, ou sejam vinte e quatro pessoas de todas as idades, desde os decrepitos às criançasinhas tenras de grandes olhos humildes a fitar-nos recoscos.

Ouvi-las lamentar-se. Naquela casa quadrangular, sem janelas, as paredes degeneradas, uma obscuridade triste a infiltrar-se nos na alma, a apertar-nos

o coração num círculo de angústia—a vida é um verdadeiro inferno. Os homens, tem de sair, de esconder-se cá fora, num recanto qualquer duma cerca próxima para mudar de roupa; para deitar-se, a fim de respeitar conveniências de moralidade—que me admira não se tivessem perdido já naquele ambiente desmoralizador—apagando as luzes, lateiam na escuridão. Os casados não estão à vontade, as crianças observam o que não deviam observar, as jovens correm o risco de perder-se, se não se preveniram já—e a Câmara Municipal sabe tudo isto, ouve os protestos, escuta as reclamações, e volta-se para o outro lado, continuando com ripano o seu sono calmo. Há dois anos que a vida daqueles entes é um problema urgente a resolver; há dois anos que fica para amanhã.

Há de resolver-se—e nada se resolve! Tudo se há de arranjar—e nada se arranja! Não há de passar os anos. Os que hoje são crianças ingenuas serão amanhã adultos com filhos—há de vir o netos; suceder-se-hão as gerações e a Câmara, essa «previdente» Câmara Municipal da Covilhã, há de resolver! E eu entusiasmado com a paisagem! E eu encantado com o panorama! Mal empregada natureza que provavelmente só os ricos e os veredores gozam descançadamente.

Mário DOMINGUES

C. G. T.

Congresso Nacional Operário

Para assunto de grande importância, reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão organizadora do 3.º Congresso Nacional Operário.

Justiça Sacerdotal

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível publicar hoje o nosso interessante folhetim «Justiça Sacerdotal».

Leitor, é assinante de A BATALHA? Não? pois deves assiná-la para auxiliares a sua obra de propaganda das ideias que te são úteis.

CONGRESSO MUNICIPALISTA

Os srs. Costa Gomes, presidente da Junta Geral do Distrito, Joaquim Domingues, vice-presidente da comissão executiva da Câmara Municipal e Eloi do Amaral, secretário-geral do Congresso, que constituem a sub-comissão executiva que funciona permanentemente em Lisboa, já iniciaram os seus trabalhos conforme as deliberações tomadas pela grande comissão na sua última reunião realizada há dias no Porto.

Os votos do Congresso vão ser notificados a todas as Câmaras, ao Parlamento e ao Governo a fim de lhes ser dada a devida efectivação.

A comissão vai insistir também pela rápida elaboração do projecto do Código Administrativo.

Associação Anti-Alcoolica Operária
Reunem hoje, às 21 horas, os corpos gerentes.

CRONICAS DE HAMON

A derrocada do marco alemão e as suas consequências

A crise alemã não está conjurada: continua até no estado latente por falta de audácia dos «leaders» da esquerda. Aqui e além dão-se sublevações populares bastantes importantes para obrigarem a recuar os realistas reacçãoários.

Mas os «leaders» em vez de apoiarem as massas, que têm o instinto dos seus interesses como seres humanos, procuram fazer compromissos com uns e com outros para que tudo se arranje pacificamente.

Pobre gente! Que assim julgam triunfar. Quando de facto o mais que conseguem é juntar vento ao vento da tempestade cuja vida se presente.

A bolsa é a este respeito um barómetro em extremo sensível. Pois bem, o marco alemão afunda-se. Quando muito vale i centimo em ouro! Ao par, valia 1 franco e 25 c. ouro. Conseguirá erguer-se? E' de temer que não.

Há meses teria sido possível estabelecer o marco em 10 ou 20 centimos. A política dos aliados e sobretudo a política francesa do Bloco Nacional impediu-o. Agora é muito tarde. Ocasão perdida não se torna a apañar.

Continuara a derrocada ou terá uma paragem? Se houver paragem será uma simples remissão.

O marco segue na mesma esteira do rublo russo, da coroa austriaca, e de tantas outras moedas-papel cujo valor tende cada vez mais para zero.

Assim, a coroa austriaca vale menos de 3 milésimos de ouro, exactamente 0,0028 a 8 de julho; o marco polaco nesta mesma data valia 1 milésimo ouro; a coroa húngara 2 milésimos e 4; a lei romana não encontra compradores a 3 centimos ouro; a leva búlgara vale 30 milésimos ouro; o dinar iugo-eslavo vale menos de 7 centimos ouro; a lira italiana 25 centimos; o franco belga 39 centimos ouro; o franco francês vale um pouco mais, porque se compra a 41 centimos ouro.

A queda do marco arrastou consigo a queda de todas estas moedas em virtude do princípio da solidariedade económica, que os dirigentes de todos os países, inclusive os financeiros, economistas, industriais e comerciantes da França, pareciam ignorar a julgar pelos seus conceitos na famosa «semana da moeda» onde a reboca dos realistas-funistas.

Mas no final da trajectória seguida pelo marco alemão está a falência. E do mesmo modo está, com maior ou menor velocidade, para todas as moedas-papel de valor depreciado.

Este processo fatal já tem a sua realiação na Austria. A Polónia encontra-se num estado de falência virtual, o que motiva as crises ministeriais, sucessivas e sem solução, por não haver maioria parlamentar nitida para uma política de equidade.

E a política da direita arrastando a Polónia na órbita francesa, conduzirá este país com uma velocidade acelerada a situação de falência confessada.

HORARIO DE TRABALHO

Empregados no Comércio

A grande comissão realiza hoje, pelas 21 horas, na União dos Empregados no Comércio, na Rua da Mouraria, 27, 1.º, a 2.ª sessão preparatória pró-comício das 8 horas de trabalho.

Operários Alfaiates

Comissão de Defesa da Classe

Reuniu esta comissão que tratou da questão do horário de trabalho, resolvendo realizar sessões de propaganda pró-8 horas no mais breve espaço de tempo.

Empregados no comércio de Vila Real de Santo António

V. R. DE SANTO ANTONIO, 30. — Reuniram em sessão magna, os empregados do comércio na sede do Sindicato, para apreciar o novo regulamento ao horário de trabalho.

A reunião esteve muito concorrida, tendo usado da palavra vários oradores que criticaram acerbamente a atitude do ministro do trabalho, que pretendia levar a classe operária, roubando-lhe uma das mais importantes regalias, por ela conquistada ao cabo de lutas formidáveis.

No final foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que o aludido decreto, é um atropelo e uma profanação à memória dos saudáveis e mártires trabalhadores que verteram o seu sangue nos dias trágicos de Chicago em prol das 8 horas de trabalho;

Considerando que o referido decreto, vem alargar mais o caminho à opressão desagrada do capitalismo, sobre as classes trabalhadoras;

Considerando que o mesmo, vem lançar nas garras ferinas da miséria, da fome, do desemprego, que com assombro de todos nós se avizinha;

Considerando que a situação económica actual, se deve somente a alguns especuladores, que sem escrúpulos exploram ignóbilmente o povo trabalhador, não sendo portanto devida às 8 horas como os mal intencionados dizem:

Considerando, ainda, as cobardes violências exercidas nos empregados do comércio de Lisboa, pela polícia, sempre pronta a defender a classe patronal e não a justiça;

Considerando mais, que só um regulamento bem claro, e fora do jugo patronal, poderá satisfazer as nossas reclamações; os empregados no Comércio de Vila Real de Santo António, reunidos em sessão magna na sua Associação, aprovam por unanimidade o seguinte:

1.º Protestar energeticamente junto do sr. ministro do trabalho, contra o novo regulamento-horário, repudiando-o em absoluto, por vir lesar os nossos interesses e ser demasiado confuso;

2.º Reclamar do mesmo ministro um regulamento, que fixe o horário máximo do dia do trabalho da forma seguinte:

«Empregados de balcão e de armazem 8 horas; empregados de escritório 6 horas, com obrigatoriedade do encerramento dos estabelecimentos;

3.º Acompanhar a classe operária, e dar-lhe todo o seu apoio, em qualquer movimento tendente a reivindicar as 8 horas de trabalho máximo».

Operários litógrafos portuenses

Os operários litógrafos do Porto, reunidos em assembleia geral para tratar da sua última reclamação de aumento de ordenado, apreciaram largamente o célebre regulamento do horário do trabalho, sendo justa e severamente criticadas as suas disposições usurpadoras. Foi aprovado o seguinte documento: «A classe litográfica do Porto, reunida, apreciando o novo regulamento-burla do horário de trabalho, protesta veementemente contra semelhante afronta lançada às classes trabalhadoras; e mantendo-se na disposição de fazer cumprir—como até à data—o horário das 8 horas, resolve colocar-se ao lado de todo o movimento de protesto que se promova, no sentido de se demonstrar aos srs. do mandato que essa justa regalia deve conservar-se intangível».

LINHAS FERROVIÁRIAS

O TROÇO PORTIMÃO-LAGOS

inaugurou-se no domingo

Foi anteontem inaugurado o novo troço do caminho de ferro de Portimão a Lagos, para o que saíra na madrugada de domingo, pelas 2 horas, o comboio especial, da estação do Barreiro, que conduzia o presidente do ministério, ministro do trabalho, com os respectivos chefes de gabinete, pessoal superior dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, convidados e imprensa.

O comboio especial, que fizera uma esplêndida viagem, deu entrada na estação de Lagos pelas 11 e 45, aglomerando ali a sua chegada as entidades oficiais, muito povo e uma banda de música.

Após os cumprimentos do estilo, organizou-se um cortejo que se dirigiu à Câmara Municipal, onde se efectuou uma sessão solene, que esteve muito concorrida, à qual presidiu o sr. António Maria da Silva, secretário-geral dos srs. Lima Bastos e Vasco Borges.

Fzeram uso da palavra, enaltecendo as vantagens que advêm para aquela região com o prolongamento da via férrea, os srs. general Joaquim Cândido Correia, Ribeiro Lopes, Velinho Correia, Esteves Aguiar, general Silveira, Marques Loureiro, Jerónimo Rato, Aníbal Lúcio de Azevedo, ministro do comércio e presidente do ministério.

Depois de lido o auto de inauguração do novo caminho de ferro foi assinado por muitos dos presentes.

Na sala do tribunal efectuou-se a seguir um banquete, sendo pronunciados muitos discursos, tendo o sr. Plínio da Silva, director dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, feito as melhores referências ao pessoal daquelas linhas, afirmando que a viagem do comboio especial foi um assombro de audácia.

Terminou o seu discurso, fez entrega ao presidente do ministério do projecto de regulamento da Caixa de Reformas e Pensões do pessoal do Sul e Sueste, lembrando a necessidade de se completar a obra já iniciada em 1913.

Efectuaram-se depois algumas visitas

Notas várias

A concorrência de forasteiros foi enorme, chegando mesmo a acabar por completo a comida nos hotéis e restaurantes, vendendo-se grande número de pessoas na impossibilidade de satisfazer as necessidades do estômago, como sucedeu a alguns representantes da imprensa que não tiveram o prazer de tomar parte no banquete.

—As estações do novo troço—Portimão, Montes de Alvar, Mexilhoeira Grande, Odeveira e Lagos—são duma construção muito elegante e todos os trabalhos da linha férrea, obras de arte, etc., bem evidenciam as admiráveis aptidões dos operários que nelas colaboraram.

—Quando o comboio especial chegou a Mexilhoeira Grande, um dos foguetes que se deixaram por essa ocasião, incendiou os restantes, que estavam juntos do depósito da água.

Apesar, porém, de estar muita gente na gare e da explosão que se verificou, ninguém se retirou, parecendo até não ter dado pelo facto. Felizmente não houve desastres a lamentar.

—A nova linha férrea atravessa uma região fértilíssima, cheia de beleza, sendo um dos melhores trechos da provincia do Algarve.

Esse delicioso pedaço de terra algarvia, inundado duma vegetação exuberante, entre a qual predominam as amendoeiras, e nos fazia extasiar de admiração pela natureza tam prodígia em nos mostrar os seus mais belos encantos, absorve, até certo ponto, a absoluta falta de comodidades que tivemos em Lagos.

AS GREVES

Operários mobiliários

NOTA DO COMITÉ

Camaradas. Mais uma segunda-feira de afirmação é decorrida, não extranhável já para aqueles que tenham seguido as várias fases desta luta e constatado o espírito de que estamos possuídos.

Percorremos a cidade em todas as direcções, procuramos mas não encontramos a rigorosa vigilância da «patronal» e assim não houve o ensejo por nós desejado de encontrar-se a justiça com a ronda.

Encontrámos e auscultámos alguns dos nossos patrões; e a contrastar com o contentamento dos mais arrojadados que romparam com a tutela patronal, encontrámos o desalentamento e a descrença da parte dos poucos que se vão deixando assustar pela pressão a que se acham julgados.

—Interessante!—ouvimos das bocas dos que ainda não cederam palavras de

desaprovação a irritória proposta que em seu nome nos foi enviada, o que nos demonstra claramente que se tratou duma caixação de dois ou três indivíduos manejados pelos *meneurs* da «patronal» que, falhos de visão, lançaram barro à parede... a ver se pegava.

Aqueles mesmos industriais que por aberração se deixam servir de joguete nas mãos dos que juraram esmagá-los, desconhecem os meandros da última investida que em seu nome nos foi dada. Foi o caso de existir um industrial confederado que, devendo muitos favores a um lojista da «lista negra» e querendo vender-lhe uma mobília, tratou de procurar aproximar uma comissão nossa de uma comissão de patrões, a fim de, muito à pressa, arrumar a questão e... vender a mobília ao amigo lojista.

Não se encontraram as comissões, mas, dum encontro que o tal industrial provocou entre um patrão e um operário, resultou a célebre proposta dos 25 %, cuja não aceitação implicou uma

O SINDICALISMO EM MARCHA

1.º Congresso da C. G. T. Unitária

realizado em Saint-Etienne de 26 de Junho a 1 de Julho

Caturrais entre vós; caturramos nós também para saber se o sindicalismo que está superior a tudo, ou se é o comunismo superior a tudo quem deverá realizar a revolução. No dia da catástrofe para este país, estou persuadido que todos os que pensam revolucionariamente, quer pertençam a um partido, quer pertençam ao sindicalismo ou sem-partido se solidarizarão no partido da revolução.

E eu não coloco o sindicalismo acima de tudo, nem o comunismo acima de tudo. É o que provavelmente se esqueceram de examinar na longa resolução votada na Conferência.

Por uma única Internacional

Examinemos agora a necessidade duma internacional única.

Praticamente, temos ainda adversários sobre o terreno internacional, se os não temos já no terreno nacional.

Não destruímos Amsterdã. Tende-mos até a reforçá-la. As nossas divisões, as nossas caturrais, permitem neste momento à Internacional Sindical de Amsterdã engrassar os seus efectivos.

Um exemplo. Fui enviado pela federação dos ferro-viários a Portugal. Lá encontrei Bidegaray, delegado pela internacional dos transportes. O primeiro congresso constitutivo dos ferro-viários portugueses, talvez tivesse dado a sua adesão a Amsterdã se eu não estivesse lá.

Durante este tempo em França, cortamos os cabelos em quatro, sem nos ocuparmos do que se passa lá por fora. (Aplausos).

Temos a possibilidade de criar uma Internacional poderosa que praticamente se oponha à acção contra-revolucionária da Internacional Sindical de Amsterdã.

ria da Internacional Sindical de Amsterdã.

E digo aqueles que cortam o cabelo em quatro que se não fossemos esculpidos de Amsterdã, suportaríamos ainda a ligação orgânica com os partidos, que não estando nos estatutos, entretanto existe. Suportaríamos ainda a ligação com o capitalismo internacional o que é mais grave ainda.

Há que escolher.

Oh! Labrousse, muito me custa ver um secretário confederal rir quando falo destas cousas (aplausos), quando se discutem questões tão graves.

Boudoux.—Nem todos foram expulsos; se o fomos, foi por vossa causa, foi por solidariedade para convosco.

Semard.—Não contesto o «porquê» nem o «como» da vossa expulsão. Não ponho em dúvida a sinceridade da classe operária que nos apoiou. Seria mais fácil se tal o fizesse.

O que digo é que se tanto uns como outros não tivéssemos sido expulsos, uns e outros teríamos que suportar ainda a ligação orgânica com os capitalistas.

Todos o reconhecemos nos nossos congressos. Há uma ligação com o Partido Comunista? Deploro-a, sou contrário, mas não a quero destruir. Não esqueço que acima das nossas divisões, acima das possibilidades revolucionárias, há a necessidade de organizar a revolução e de nos defendermos do capitalismo.

Há já dois anos que não temos ligação internacional; há já dois anos que nos mantemos isolados no mundo; há já dois anos que o capitalismo se organiza contra nós. Temos necessidade de acabar com esta situação de neutralidade internacional.

Em Moscú, há, com efeito, ligação orgânica. Não o contestamos. Conheçemo-la, como as camaradas, os artigos 3 e 11. Estamos decididos a combatê-la; faremos todos os esforços para fazer triunfar o nosso ponto de vista.

Mas lembrai-vos, camaradas, que ao iniciar-se este congresso, nos foi apresentada uma resolução onde se dizia: «minoridade inclinar-se há perante a maioria, conservando o seu direito de defender o seu ponto de vista, bastando que seja disciplinada só na acção. Forçaste-nos a esta votação. Dai por tanto aos vossos delegados o mandato de apresentar depois de fazer retiradas em tal sentido» (aplausos).

Se há um mínimo de disciplina nacional existe também um mínimo de disciplina internacional.

Se em Amsterdã, no passado, de fêdemos e tentámos fazer prevalecer o nosso ponto de vista de revolucionários franceses, sim, França «Über Alles» pois bem! temos o mesmo direito, temos o mesmo dever de defender este ponto de vista no seio do segundo Congresso da I. S. V. Mas temos idêntico dever de disciplina sindical e se não pudermos fazer prevalecer o nosso ponto de vista, a disciplina, a constituição de uma força operária, nos obrigamos a inclinar-nos perante a maioria.

E isto que é necessário precisar.

Ou então, dizer abertamente que não há possibilidade de acordo, como o indicaram na resolução de Berlim; dizer que para o sindicalismo francês não há possibilidade de ir a Moscú, e nós escolheremos então entre a 3.ª Internacional e a I. S. V.

Para mim, digo e repito com os meus amigos, sou partidário da independência total do sindicalismo francês. Não fazemos uma condição para a nossa adesão, se fomos batidos no 2.º Congresso da I. S. V. apesar de tudo, ficaremos; tenhamos a coragem de o dizer; não podemos dizer depois que faço retiradas em tal sentido» (aplausos).

Camaradas, vou demonstrar a necessidade, para o proletariado deste país, de se soldar com a I. S. V.

Quereria poder demonstrar — em face das realidades vistas por todos — em face da reacção brutal, da repressão mundial, e a necessidade que temos de nos organizarmos imediatamente para nos defendermos.

Nacionalmente, necessidade de nos entendermos com todas as forças revolucionárias para impedir a guerra; para arrancar das prisões os que o capitalismo aprisionou para obrigar o nos-

so capitalismo a dar a amnistia que há tanto tempo reclamamos.

Primeiro, necessidade de coesão nacional, em seguida necessidade de coesão internacional.

As nossas federações não têm maneira de se soldarem internacionalmente; não pude na Federação dos Ferroviários constituir o «cartel» internacional para nos defendermos da ameaça da supressão das oito horas.

Não pude pôr de pé a organização de defesa internacional proletária dos transportes.

Queréis que nos mantenhamos ainda um ano sem possibilidade de nos entendermos internacionalmente? Permitireis que todas estas federações criadas na C. G. T. U. continuem sem ligação internacional?

Creio que isto seria um perigo tanto para o sindicalismo nacional como para o sindicalismo internacional.

No nosso relatório moral diz-se o seguinte:

«Pelos 8 horas, contra o desemprego, pela defesa dos salários, contra o imposto sobre os salários, fez-se uma activa propaganda».

Ah! mas a vossa propaganda só foi feita no âmbito nacional.

Escreveis ainda:

«Desgraçadamente temos de reconhe-

cer que estes graves problemas têm hoje um carácter internacional. São o terminus duma política de coesão em todo o país. O Congresso terá igualmente que examinar sobre este assunto da C. G. T. U.

É necessário que coordenemos a nossa acção. Devemos, nacionalmente, organizar uma ligação com todos os que actuam revolucionariamente.

Devemos desenvolver a sobre o terreno internacional para permitir a constituição de todas as federações, o cartel que se deve opor ao capitalismo internacional e devemos ir para a I. S. V. para nela defendermos o nosso ponto de vista.

Pego ao Congresso, se ele deseja que tenham lugar neste país realizações revolucionárias — que vote a sua adesão à Internacional Sindical Vermelha. (Aplausos).

Bott

Bott expõe a tendência anarquista a que pertence. Começa por afirmar a sua simpatia pela Revolução russa e pelos perseguidos que são os únicos e verdadeiros continuadores da Revolução russa.

Bott pretende que, como sempre, todos os partidos políticos pretendem assenhorar-se do sindicalismo. Alarga-se sobre o exemplo da Revolução russa onde, declara, o partido político arrebatou aos operários, pelo golpe de Estado de outubro, as liberdades adquiridas e o poder conquistado.

Bott não vê nenhuma garantia na Internacional sindical; esta não pode ter a sua sede senão fora de Moscú onde o governo oprime o sindicalismo.

Dejonkère

Dejonkère intervém para precisar e

defender o trabalho do bureau confederal e da comissão administrativa. Em dado momento, ataca o camarada Bouët dizendo que este, na C. G. T. U. se encontrava sempre nos braços de Joulhaux e de Dumoulin.

Bouët, no seu lugar, faz ouvir um protesto enérgico e uma grande parte no Congresso aplaude-o.

Dejonkère retoma o fio da sua exposição e declara não existir no movimento sindical francês franco-maçomaria. Mas somente camaradas que se juntaram para defenderem a autonomia ameaçada.

Dejonkère é contra a intervenção de todos os políticos nacionais ou internacionais. Interpreta a seu modo o aditamento Solteville à resolução da Federação dos Ferroviários e convida o Congresso a pronunciá-lo sobre a resolução Besnard.

Julienne

Julienne, da tendência comunista, vem traçar alguns dos incidentes que nestes últimos seis meses perturbaram o trabalho da Comissão Administrativa.

Opõe à concepção comunista de organização as concepções anarquistas de desorganização sob a aparência de federalismo.

Mostra as insuficiências e as lacunas da moção Besnard.

Julienne propõe em vão, em que é que a adesão à I. S. V. ameaça a autonomia. A ligação orgânica não nos põe de meter, medo porque a ligação real existe já pelo facto da presença de elementos representativos do comunismo ou da anarquia.

(Continua)

discrepância por parte do oferente que supunha que nós, após tantos dias de luta, lhes andávamos a rondar a porta e em disposição de transigirmos, apesar de que o operário com quem se avistou, ainda que pessoalmente, lhe declarou que a classe não transigiria um milavo.

Assim, fica entendido: os operários do mobiliário não precisam de rondar as portas aos seus adversários; apenas acorrem aos chamamentos que lhes fazem — menos à «patronal» — e para que não haja quem lhes atribua incorrecção ou fins reservados.

Isto, de ainda hoje a m. squinhez dos restantes patrões se dar a invocar transigências de nossa parte e quebra da sua dignidade em nos atenderem integralmente, são coisas que vão caindo pela base.

Transigências numa reclamação feita quando o baralhar custava a módica quantia de 3 escudos o quilo e hoje custa 4 escudos e meio e tudo assim subiu em proporção, só cabem na boca de nós os adversários.

Dignidade — mas, a que chamarão dignidade? — não perigou para aqueles patrões das últimas classes que, em poucos dias de luta, foram integralmente satisfeitos.

Pode invocar-se um tam nobre sentimento, quando se foram os operários a uma luta de quase 5 meses?

Ora vamos, e isto sem sombra de ovaninismos, mais dignos e ajeitados foram aqueles dos patrões que primeiro acederam ao que, no fundo, todos consideram ao mesmo do razoável.

Mais tarde ou mais cedo, a embrulhada há de desbaratar-se e aos que para o fim ficaram, restarão uns amargos de boca resultantes da fuga do pessoal que consideravam certo e que por falta da certeza dos seus antigos patrões, muito naturalmente, pôs de parte considerações imerecidas e foi em busca de patrões novos.

Parce-nos que não perigará a dignidade dos que causaram a perduração da greve até hoje, em reconhecerem agora o que já há 20 semanas er indisciplinável.

Operários do mobiliário: A 20 semanas de luta dispensais que o vosso comité vos afirme que deveis sair vitoriosos.

No entanto, para que sejamos coerentes e saibamos alcançar merecidamente o «desideratum» vitorioso, é indispensável que vos acateis não fazendo uma única hora suplementar, que o mesmo seria que roubardes os vossos camaradas em greve.

Também não deveis, os que estão fora da indústria, voltar às oficinas sem prévio aviso à comissão de negociações.

Assim manterei a linha de moralidade de que nos tem nortado e impor-vos-heis ao respeito de todos.

O comité centra

Hoje, às 19 horas reúne a assembleia magna para apreciar a marcha do comité.

Corticeiros de Belém

NOTA DO SINDICATO

Sendo comunicado, que os quadros da casa Amiro Olin (vulgo Poneio) à Estrela abandonaram o trabalho em virtude de uma questão de preços e condições de trabalho, avisamos-se por este meio todos os camaradas desta especialidade para não irem para ali trabalhar sem que este caso seja resolvido. O pessoal daquela secção resolveu dar conhecimento àquele industrial por intermédio deste sindicato de que resolveu publicar a tabela dos preços da casa, e que quando queira resolver o caso, que o comunique para este sindicato.

O conflito foi originado por aquele sr. depois de ter tirado duma porção de cortiça de 3.ª a melhor para garrafa de 21, quer que aqueles operários fizessem a restante — enguiado e bocados em garrafa de 18 linhas, pelo preço da prancha e que era 2500 o mil ao que os mesmos se negaram reclamando-a ao preço de 2570.

A tabela é a seguinte: em pranchas, tonas, rabaneado em 18 linhas, de 18x18, 4500, 15x18, 4500, 13x14, 3500 e miudezas 2500, sabaneado em 15 linhas, 18 1/2x19 1/2 a 5000, 17x18, 4500, 15x16 a 4500; de 21 linhas, gazosa 3520, g. 3500, imperial 2560, escassa 2530, pontos 18, 2540, miudezas 1500; quadros de 18 linhas, gazosa 2580, garrafa 2550, imperial 2530, escassa 1580, quartos 1500, miudezas 1500; quadros de 15 linhas, garrafa 2540, 1/2 garrafa 2500, calibres extraordinários, 21 linhas imperial a propósito 2500, escassa 2540, em 18 linhas escassa a 2540, imperial 2550.

A esta tabela acresce duas subvenções de 1 escudo por dia. Esta resolução foi tomada em virtude da velha pretensão daquele industrial em baixar os preços e meter pessoal novo.

Hoje reúne a classe às 19 horas para nomeação de fiscal e tomar conhecimento de casos importantes que se prendem com o último aumento; a esta sessão não devem faltar os cobradores 2 horas antes.

Corticeiros de Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 30.—Continua a greve dos operários corticeiros desta localidade, sem que até à data, por parte dos industriais, haja a mínima vontade de se pôr termo a este conflito que pessoas de bom senso já teriam resolvido, dada a boa vontade que os operários tem em resolvê-lo.

Parce que os industriais pretendem eternizar esta questão, não querendo resolvê-la a fim de ver se conseguem fazer render os operários pela fome, mas isso não conseguiram, porque todos os operários se encontram prontos para resistir até que os industriais entendam que devem resolver o conflito e fazer justiça às suas reclamações.

São insignificantes e até se podem considerar irrisórias, as reclamações de aumento de salário, novamente formuladas pelos operários, pois nem mesmo assim os industriais querem ceder, tal é a vontade que eles tem em eternizar o conflito.

É necessário que os senhores industriais reconheçam a razão e a justiça que assiste aos seus operários, contribuindo para que, o mais rapidamente possível, termine este conflito, que bastante prejudicial às duas partes interessadas: patrões e operários.

Operários e patrões devem, pois, ter o máximo empenho em que a greve se resolva, pois, nem a uns nem a outros, convém que ela se mantenha.

Os operários corticeiros tem reinido todos os dias, verberando, cheios de indignação, a atitude assumida pelos industriais.

Alguns barcos que tinham chegado ao cais carregados de cortiça para diversas fábricas, e outros barcos que a vinham buscar para levar para bordo dos barcos que a hão de transportar para o estrangeiro, ao terem conhecimento de que os operários corticeiros se encontravam em greve, imediatamente retiraram.

Na estação dos caminhos de ferro também se encontra muita cortiça amontada.

Os operários corticeiros devem manter-se na luta até que os patrões atendam as suas reclamações, porque, além da justiça e da razão que lhes assiste, toda a opinião pública desta localidade se encontra a seu lado.

Proesas dum mestre de obras

Agrade um operário e é mandado em paz pela polícia

Ali para uma obra da rua Tomás da Anunciação, 55, existe um mestre de obras denominado Bernardo Lopes. Este indivíduo goza duma péssima fama, pois é uma criatura possuidora de bens instintivos, tendo cometido actos criminosos, de que sempre tem saído airoso, dada a impunidade de que sempre tem gozado.

Ontem este indivíduo agrediu com um pé de cabra, fracturando-lhe um braço, o servente de pedreiro Manuel Delgado pelo facto deste não querer começar o trabalho antes da hora determinada.

O operário foi curar-se no hospital e o mestre de obras foi parar à esquadra dos Terramotos.

Uma vez na esquadra foi posto em liberdade apenas por ter declarado que pagaria os dias que o operário estivesse impedido de trabalhar.

É claro que pela condescendência protectora do chefe da mesma esquadra, o mestre de obras tem o direito de quebrar os braços qualquer operário desde que lhe pague os dias de tratamento!

Porém, se algum operário um dia lhe quebrar um braço a atitude do chefe da esquadra será diferente. Que exemplar indivíduo, o mestre de obras e que esplêndida autoridade o chefe da esquadra dos Terramotos.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Peninsular

Realiza no dia 6 do corrente uma recita, devendo efectuar-se brevemente p. n. n. n. para auxílio do cofre.

Grande sucesso
LUA NOVA

8's 9
TEATRO MARIA VITORIA
10, 11, 12

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Sindicato Ferroviário da C. P.—Reúne hoje, às 19 horas, o pessoal dos depósitos de Lisboa, Campolide e Alcântara, a fim de apreciar os últimos aumentos concedidos pela Companhia e a suspensão de camaradas do depósito de Lisboa.

Falaram vários oradores que demonstraram claramente que os referidos aumentos não correspondem ainda à equiparação dos jornais, que a Companhia se comprometeu fazer, aos da indústria particular.

Quando às suspensões verificou-se tratar-se duma vingança do respectivo chefe, visto que aqueles camaradas nada fizeram para serem assim perseguidos, porquanto o mesmo chefe ignorando, a quem, há dias, deu o devido correctivo um operário, que tinha fugido ao compromisso tomado de não executar horas nem tarefas, suspendeu ao acaso 5 camaradas.

A assembleia resolveu prestar-lhes toda a solidariedade e na próxima assembleia, caso se verifique ainda a mesma atitude da Companhia para com os mesmos camaradas, tomar novas e mais energias resoluções.

O pessoal continua na mesma atitude: não faz horas nem tarefas, sem que a Companhia lhe restitua o que tirou e o equipare ao da indústria particular.

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.—Reúne hoje, às 19 horas, o secretário, S. U. Mobilário.—Reúne hoje, às 19 horas, a assembleia geral deste Sindicato para apreciar as teses a discutir no 3.º Congresso Nacional Operário.

Sindicato Unico da Construção Civil.—Bolsa de Trabalho.—Devem comparecer hoje, às 15 horas, os cantelões inscritos.

Secção de Belém.—Reúne hoje, às 20 horas, a comissão escolar.

Secção Profissional dos Cantelões e Polidores de Mármore.—Reúne hoje em assembleia geral, pelas 20 horas, para tratar de assuntos de alta importância assim como da carestia da vida e horário de trabalho.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, a fim de resolver sobre o seguinte:

1.º—Recomposição dos corpos gerentes e taxa de solidariedade;

2.º—Definir a orientação a seguir no próximo Congresso Nacional Operário sobre relações internacionais;

3.º—Resolver a atitude a tomar perante a subida intermitente do custo da vida;

4.º—Assuntos respeitantes à vida interna e situação financeira do Sindicato, Cartãoageiros.—Reúne em sessão magna, hoje, às 20 horas, para apreciar as respostas dos industriais.

Aparelhadores e Encarregados das Obras Públicas.—Reúne em assembleia geral, para apresentação de contas e nomeação dos corpos directivos.

Pelo tesoureiro do sindicato foi presente as contas do movimento havido na associação, isto em consequência de a direcção ultimamente eleita não ter tomado posse e nunca ter dado acordo de si desde que foi nomeada em assembleia geral, ficando por isso só à testa dos destinos da colectividade, razão porque foi convocada a assembleia para seu desenvolvimento.

Depois de devidamente apreciadas e vistas as contas presentes, foram aprovadas e lançadas na acta um voto de louvor ao tesoureiro João Pascoal, pela forma acertada e criteriosa em como o

Coliseu dos Recreios
HOJE—às 21 (9 da noite)—HOJE
Companhia Italiana de Opera
2.ª representação da magnífica opera de grande successo do maestro PIETRO MASCAGNI

SI!
A mais sensacional partitura dos últimos tempos
BREVEMENTE—A opera de grande espectáculo
CASTA SUZANA

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Em seguida foi nomeada a comissão administrativa, que ficou composta das camaradas António D'Oliveira, Guilherme dos Santos, Henrique Ribeiro, César dos Santos e Joaquim Gonçalves, e a comissão de melhoramentos, de Manuel dos Santos, Alfredo Gomes Ferreira e Joaquim Gil.

Pelo delegado da comissão de melhoramentos foram expostos os trabalhos feitos pela mesma em conjunto com a comissão de melhoramentos do Sindicato Unico da Construção Civil.

Por fim foram tratados assuntos de ordem moral e administrativa, e de melhoramentos relembrando e tomando posse hoje pelas 21 horas.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Federação dos Empregados no Comércio (zona norte).—Reúne a Comissão Executiva deste organismo, tendo constatado, pela quantidade de expediente recebido, ser excelente o aspecto moral da classe dos empregados de comércio, da zona norte, contra o regulamento do horário do trabalho, que vem cecejar regalias já há muito insuportáveis. Resolvem aconselhar todos os sindicatos seus aderentes a conservarem-se de sobre-aviso, acatando as resoluções desta Junta. Registrou também haver já grande número de delegações ao Conselho Geral, lembrando por esse facto, a necessidade de o não demorem, para assim se tratarem dos magnos assuntos que inesperadamente se precipitam.

Empregados no Comércio do Porto.—PORTO, 31.—Reúne em assembleia geral a União dos Empregados do Comércio do Porto, tendo resolvido expulsar António Abrunhosa e José Dias Pinheiro, considerando-os traidores à organização. Foi deliberado sair a C. G. T. e o proletariado organizado.

(a) A mesa da assembleia. Associação de Classe dos Litógrafos do Porto.—Em assembleia geral, reuniu esta colectividade sindical. A assembleia gostosamente constatou a vitória material que a classe acaba de obter, sem que fosse preciso iniciar um simples gesto de protesto ou greve parcial. Ouvida a exposição feita pela comissão de demarques junto dos respectivos industriais, foi feita uma vibrante demonstração de simpatia aos membros que compunham aquela referida comissão.

O aumento de salário que os industriais se comprometeram satisfazer é o seguinte: 30 % até 5500 1550 deste ordenado para cima.

Foi mais deliberado comunicar à Federação do Livro e do Jornal e Litógrafos do Sul a que aumento de ordenado conseguido e que todos os sócios contribuíam com uma cota de 5000, pago em duas prestações, cujo produto se destina a pagar a despesa feita com a confecção da nova bandeira.

Carteira «desaparecida»

Ao camarada António Duarte Azeite furtaram, no sábado à noite, uma carteira que continha os seus dados, a sua caderneta sindical e uma credencial de delegado da Comissão de Melhoramentos do Sindicato da Construção Civil.

O roubado não pretende, já agora, que o habilitado lhe restitua o dinheiro, pois de antemão sabe ser pedido inútil; mas convida-o a enviar os referidos documentos para a redacção deste jornal.

Operários Barbeiros

Reúnem hoje, às 21 horas, em sessão magna os operários barbeiros, na sede do sindicato, rua do Arco Marquês de Alegrete, 30. 2.ª para apreciar o resultado das demarques efectuadas sobre aumento de salário, descanso dominical, horário de trabalho e outros assuntos de interesse colectivo. Deve reunir e nomear delegados à Comissão de Melhoramentos, o pessoal das casas que possuem mais de 5 empregados.

Operários Barbeiros

Reúnem hoje, às 21 horas, em sessão magna os operários barbeiros, na sede do sindicato, rua do Arco Marquês de Alegrete, 30. 2.ª para apreciar o resultado das demarques efectuadas sobre aumento de salário, descanso dominical, horário de trabalho e outros assuntos de interesse colectivo. Deve reunir e nomear delegados à Comissão de Melhoramentos, o pessoal das casas que possuem mais de 5 empregados.

Operários Barbeiros

Reúnem hoje, às 21 horas, em sessão magna os operários barbeiros, na sede do sindicato, rua do Arco Marquês de Alegrete, 30. 2.ª para apreciar o resultado das demarques efectuadas sobre aumento de salário, descanso dominical, horário de trabalho e outros assuntos de interesse colectivo. Deve reunir e nomear delegados à Comissão de Melhoramentos, o pessoal das casas que possuem mais de 5 empregados.

Operários Barbeiros

TESE A DISCUTIR NO CONGRESSO NACIONAL OPERÁRIO

A contabilidade administrativa dos organismos operários

Relator: GIL GONÇALVES

4) Mas que o livro de matrícula não satisfaz não era preciso dizê-lo aqui. De que se trata é de substituí-lo com vantagem.

Uma das três caixinhas que constituem o mobiliário de que dispõe o secretário administrativo, e que deve assemelhar-se ao modelo da fig. 1, cheia de verbetes de papel grosso, riscado como se vê na fig. 2, tem resolvido todos os problemas propostos.

Cataloguemos, devidamente preenchidos, esses verbetes dentro da caixa, por ordem alfabética de nomes, e teremos completo o sistema.

Como este livro se destina aos que não sabem, perdemos os que sabem que esta meia dúzia de linhas seja para explicar o que é a ordem alfabética.

O secretário administrativo deve ter bastante prática na busca de nomes que estejam naquela ordem, e deve saber catalogá-los rigorosamente. Ele pode praticar com qualquer dicionário, devendo exercitar-se para saber de cor, com rapidez e facilidade que r e é a 17.ª letra do alfabeto, que r é a 10.ª, que aquela fica depois de q e antes de s, e que esta está entre e e l.

É fácil adquirir esta facilidade de dizer rapidamente o lugar que uma letra ocupa na ordem alfabética, e isso é muito conveniente, para o uso indispensável de dicionários, para o nosso caso.

Feito o estudo na ordem porque os dicionários colecionam as palavras, já o secretário administrativo tem a facilidade em saber que, tendo que juntar os nomes António, Arnaldo, Augusto, Anibal, Abel, Adriano, Acácio, Adelino, Abílio, Artur, Agapito, Adribal, Armando, Alfredo, Amílcar, Adão, Antero, Avelino, deve dispor pela seguinte ordem: Abel, Abílio, Acácio, Adão, Adelino, Adriano, Agapito, Alfredo, Amílcar, Anibal, Antero, António, Armando, Arnaldo, Artur, Adribal, Augusto, Avelino.

"A BATALHA" NO PORTO

O que vai pelo Minho e Douro—O ódio que uns tantos do pessoal administrativo, que formaram uma associação amarela, nutrem contra a C. G. T.—Eles julgam-se superiores a todo o mundo—Um procedimento incorrecto que bem os define ---

Algumas vezes nos temos referido à nova Associação de Classe do Pessoal Administrativo da Viação Acelerada do Norte de Portugal. Não dissemos, contudo, quem são os preopinantes que a constituem e o fim, o principal fim, que lhes, preocupadamente, procuram atingir. Na colectividade referida acolhe-se uma malta de enfatuados, de vaidosos, de estelados e agalados, que pensam muito particularmente das suas pessoas, das suas situações de privilegiados, dos seus egoísmos desmedidos. Divergentes do critério sindicalista seguido pela União Ferroviária, onde, felizmente, estão associados bastantes membros do pessoal administrativo, que se conhecem e não são ditantes, presumidos gananciosos e, que, sobretudo, vêem dois palmos diante do nariz—a grei organizou-se em bando à parte, chefiado por Parente Novo da Cruz, que usa o engraçado pseudónimo de *Parnóverez*, tendo como ajudante às ordens um tal Armando de Azevedo.

Os novos organizados podiam seguir o seu caminho muito naturalmente, demonstrando que se constituíram em secção especializada por uma questão de *tróp de xile* pelos seus interesses imediatos, aliviando o trabalho da União Ferroviária. Mas não. As criaturas que formaram a nova associação, e que contam no seio o regedor de Ermeizinde, o escrivão José Vale, são retinamente patriotas, como claramente o declaram no seu órgão jornalístico *A Voz do Ferreiro*, título que, sendo genérico, está descabido: estava melhor adequado este—*A voz de certo pessoal administrativo*. Sendo patrióticos e políticos, desligaram-se da União Ferroviária por

ela estar ingressada na C. G. T. e eles não concordarem com a sua filiação naquele organismo superior do operariado. Afirmam que sendo a classe ferroviária bastante numerosa, não precisa da C. G. T. para nada, quer dizer: do restante operariado. Na opinião dos iniciadores da associação amarela, a classe ferroviária basta-se a si própria, pode viver isoladamente, livremente, fora de todo o concerto social. As classes operárias dos vários misteres, sem as quais não seria possível a existência de chefes, escrivãos, amanuenses, etc., são-lhe indiferentes. Nada de ligações com elas. O seu contacto horroriza os antigos gremistas Parentes Novos e Armando de Azevedo. Os produtores organizados na C. G. T. querem a emancipação geral da humanidade, exigem o direito à vida para todos, a liberdade integral de todo o ser humano. E os ferroviários filiados na União, que também anseiam uma sociedade nova baseada na justiça e na equidade, resolvem incorporar-se no exército trabalhador, solidarizar-se com a classe pugna por perfeição social. A este pensamento, a esta deliberação, os enfatuados e patrióticos Parentes e Azevedos chamam-lhes *sobrep o triunfo dos seus ideais aos interesses do pessoal administrativo*. Acima de tudo, nós, sempre nós, que somos graduados, estelados, galoados. Os outros que se arranjem como puderem e souberem...

Mas os componentes da nova Associação do Pessoal Administrativo não se julgam só superiores, distintos, às classes operárias confederadas; eles podem-se também superiores ao pessoal ferroviário dos caminhos de ferro, ao

pessoal das oficinas, via e obras, etc. Sempre queriamos ver o que faziam esses sujeitos sem as restantes classes que formam a família ferroviária...

Enfim, os Parentes, os Cruzes e os Armando, envidados nos seus amarelos, nas suas categorias, nos seus estelados hierárquicos, constituíram-se em malta para se dividirem a família ferroviária do Minho e Douro, colocarem-se sobre os restantes pessoal dos caminhos de ferro, tratarem dos seus exclusivos interesses a despeito de afirmações contrárias e guerrearem a União Ferroviária, a C. G. T. e a sua orientação quanto às aspirações gerais dos explorados por uma sociedade iniqua. Para os sócios da nova Associação aludida apenas há esta única preocupação: barriga e fiamância categorizada...

E' lamentável termo-nos de referir a estes factos. Mas se o fazemos, é porque, nos temos também de reportar a uma violência praticada pelos indivíduos pertencentes à Associação amarela em furo. Narremos:

No dia 24, efectuou-se no Salão Cinematográfico de Ermeizinde, uma assembleia geral da tal Associação de Classe do Pessoal Administrativo da Viação Acelerada do Norte de Portugal, a que assistiram umas 40 pessoas. Nessa reunião, segundo o convite, deveriam ser ventilados assuntos de alta importância para a classe. Como soubermos que o nosso camarada Carlos Guimarães ria lá tirar informes para o Sul e Sueste, de que é correspondente, solicitamos-lhe para representar a Ba-

talha e para ela tirar as respectivas notas de reportagem. Nesse intuito, se dirigiu o nosso camarada para o local da assembleia.

A sessão, quer dizer: a reunião foi aberta pelo supracitado José do Vale que, como é regedor de Ermeizinde, desempenhou também as funções de autoridade. Após a constituição da mesa, presidida pelo escrivão Taveira, que teve a secretária-ló Domingos Pereira de Moura e Bernardino Pinto Moreira, alguém asproprou aos ouvidos do presidente para que fossem convidados a retirar-se do salão as criaturas estranhas a classe. Motivo? Estar presente Carlos Guimarães, militante da União Ferroviária e amigo da C. G. T. Aquele camarada, que pensava não se tratar duma reunião secreta, justificou que se encontrava ali como representante da imprensa, do Sul e Sueste e a Batalha. Estando ao abrigo de um direito e até da Constituição, o nosso amigo garantiu que se conservaria silencioso e com correcção, embora ser considerado como pertencente aos *desordeiros* da C. G. T. Limitar-se-ia a tirar apontamentos.

Na parede estava um papelinho em que se lia:—*Por ordem da autoridade não se admitem palavras ou desacatos.* A autoridade era o regedor da Associação. Pois apesar do cartaz e da justificação serena, simples, razoável de Carlos Guimarães, os retrógrados Parentes e Armando de Azevedo idearam naquele camarada com insultos de toda a ordem, seguindo-se na mesma atitude desleal, incorrecta, fadista, todo o bando reunido. Carlos Guimarães era suspeito, devendo ser posto fora ainda

que fosse melido entre uma patrulha da guarda republicana!

O regedor escrivão intimou então por ordens superiores, o nosso amigo a sair do recinto, e uns zaragatores, saltitando-se uns escreventes que há pouco tempo eram carregadores, empurraram-no pela porta fora, pretendendo agredido rijamente.

Depois desta heróica façanha dos patriotas e autoritários da Associação do Pessoal Administrativo, impedindo a liberdade de reportagem—talvez porque não lhe convenha a publicação dos seus desvarios, egoísmos e lópicos—os integrantes e ajudados da conjura de Ermeizinde lá ficaram, satisfeitos a zurrar sandices hierárquicas...

Como classificar este vil procedimento? Não sabemos. Ora aí está o motivo porque não consideramos aquela Associação uma associação de classe, mas sim um núcleo de despeitados, parvos e *shobs* contra o qual uma importante reunião magna dos ferroviários se manifestou veementemente, como nos referimos na notícia respectiva.

29 de Julho.

C. V. S.

Nota da Redacção.—Com esta nota apenas queremos declarar que não fomos justos no reparo que fizemos à resolução tomada pela U. S. O. do Porto em face do convite da C. S. do Norte.

Momentaneamente alijamos-nos no revisão do original, que a resolução merecia os reparos. Verificamos depois que não tínhamos razão, e porque assim é, não temos dúvida, em sinceramente confessarmos a nossa culpa.

Um pouco de tudo para todos

CALENDÁRIO DE JULHO

T.	1	8	15	22	29
Q.	2	9	16	23	30
Q.	3	10	17	24	31
S.	4	11	18	25	
S.	5	12	19	26	
D.	6	13	20	27	
S.	7	14	21	28	

HOJE O SOL

Aparece às 5,37
Desaparece às 19,48

FASES DA LUA

L. C. dia 7 às 16,19
Q. M. " 15 " 20,46
L. N. " 22 " 20,34
Q. C. " 29 " 11,59

MARÉS DE HOJE

Pratamar às 9,10 e às 21,47
Baixamar às 2,06 e às 14,40

CARREIRAS DE VAPORES NO TEJO

De Lisboa (C. Sodrê) para Oeiras, às 6, 6-50, 7-40, 8-30, 9-20, 10-10, 11-00, 11-50, 12-40, 13-30, 14-20, 15-10, 16-00, 16-50, 17-40, 18-30 e 19-20. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-30.

De Oeiras para Lisboa, às 6-35, 7-15, 8-35, 9-45, 10-35, 11-25, 12-15, 13-05, 14-45, 15-35, 16-25, 17-15, 18-05, 18-55 e 19-45. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-35.

De Lisboa (C. Sodrê) para o Seixal, às 8-00, 10-30, 15-40, 18-20.

Do Seixal para Lisboa, às 6-50, 9-00, 12-30, 16-30.

De Lisboa (T. Paço) para o Barcelos, 1-00 (a), 6-50 (b), 8-00 (c), 14-35, 11-40 (c), 15-35, 17-35 (c), 19-10 (c) e 20-50.

Do Barcelos para Lisboa, às 6-30, 8-00, 9-20, 11-40, 15-15, 17-10, 18-30 e 20-30 (a) e 22-10.

(a) Só aos domingos, 2.ª feira, feriados e dias seguintes aos feriados. (b) Só aos dias úteis. (c) Liga com Aldega e S. Sebastião.

(d) Só aos domingos e feriados.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Navios a sair

And. Heide Usa. Grijos. Silares. Lutetia. Desead. Campan. Delia. Riland. Araguey. Caxias. Derna. Gerina. Arinza. Deiland.

Destinos: Madeira, Brasil, Argentina, Par. e Manaus, Portos da África Ocidental e Oriental, Portos do Brasil, Brasil Argentina, Brasil Argentina, Londres, Portos do Brasil, Madeira, Brasil e Argentina, Vigo Southampton, Havre, Anvers e Hamburgo, Las Palmas, Brasil e Argentina, Madeira, Brasil e Argentina, Portos do Brasil.

Partidas de Lisboa: 0,35, 6,10, 7,45-a, 8,59-a, 9,10-b, 10,10, 11,27-b, 12,15-b, 12,50-c, 14,00-d, 15,30-e, 17,30-a, 18,00-e, 18,15-a, 18,15-b, 18,58-e, 19,30-f, 19,55, 21,00-g, 22,47.

Chegadas de Lisboa: 1,39, 7,19, 8,10-a, 9,30-a, 10,22, 11,21, 12,39, 12,51, 13,59, 15,09, 16,30, 18,00-a, 18,15-a, 18,40-a, 19,19, 19,53, 20,06, 21,02, 22,04, 23,50.

Partidas de Sintra: 0,12, 6,15, 7,35, 8,32, 9,51, 10,25, 11,10, 12,05, 12,51, 13,02, 15,35-e, 17,01, 18,00, 18,10-e, 18,25-b, 18,56-cf, 19,32, 20,30, 21,59, 23,33.

Chegadas de Sintra: 1,09, 7,14, 8,33, 9,20, 9,11, 10,25, 11,10, 12,05, 12,51, 13,02, 15,35-e, 17,01, 18,00, 18,10-e, 18,25-b, 18,56-cf, 19,32, 20,30, 21,59, 23,33.

Partidas de Cascais: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Cascais: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

Chegadas de Lisboa: 1,33, 8,26, 10,01, 11,36, 13,31, 14,01, 15,03, 17,02, 18,31, 19,12, 19,31, 20,06, 20,45, 22,03, 23,03.

Partidas de Lisboa: 0,45, 7,20, 9,00, 10,30, 12,50-a, 13,00, 14,00-a, 16,00, 17,25, 18,15-b, 18,50, 19,00, 19,40, 21,10, 23,10.

